

SUMÁRIO

<i>Lista de ilustrações</i>	15
<i>Reduções gráficas</i>	19
<i>Cronologia</i>	21
<i>Agradecimentos</i>	25
<i>Prefácio: Cativo à Palavra</i>	27

UM

O VOTO	31
No lar e na escola	32
Inquietação religiosa.....	35
O refúgio do hábito	39

DOIS

O MOSTEIRO	45
O terror diante do Santo	47
O caminho da autoajuda	52
Os méritos dos santos.....	54
A viagem a Roma	55

TRÊS

O EVANGELHO	59
O fracasso da confissão.....	61
A escadaria mística.....	63
A experiência evangélica.....	67

QUATRO

A OFENSIVA	75
A indulgência de São Pedro	80
<i>As Noventa e cinco teses</i>	85

CINCO

O FILHO DA INIQUIDADE	91
O ataque dominicano	94
O julgamento é transferido para a Alemanha.....	97
As entrevistas com Caetano	100
A ameaça de exílio.....	104

SEIS

O HUSS SAXÃO	109
O desafio de Eck	113
O debate de Leipzig.....	118
O apoio de Huss.....	121

SETE

O HÉRCULES ALEMÃO.....	127
Os humanistas: Erasmo.....	131
Melâncton e Dürer.....	134
Os nacionalistas: Hutten e Sickingen.....	137

OITO

O JAVALI SELVAGEM NA VINHA.....	143
Os sacramentos e a teoria da igreja.....	147
A retomada do processo	149
A bula <i>Exsurge</i>	151
A bula em busca de Lutero.....	154

NOVE

O APELO A CÉSAR	157
A publicação da bula	162
<i>Contra a execrável bula do Anticristo</i>	167
<i>Da liberdade do cristão</i>	169

DEZ

“ESTA É A MINHA POSIÇÃO”.....	173
Uma audiência prometida e cancelada.....	176

O imperador assume a responsabilidade.....	181
O convite a Lutero é renovado	184
Lutero perante a Dieta	187
O Édito de Worms.....	192
 ONZE	
MINHA PATMOS	197
Em Wartburg	199
A Reforma em Wittenberg: monasticismo.....	202
A missa.....	208
A explosão de violência	209
 DOZE	
A VOLTA DO EXÍLIO	211
Tumulto.....	212
O convite para voltar	216
O retorno a Wittenberg	218
 TREZE	
NENHUM OUTRO ALICERCE	221
Natureza, história e filosofia	222
Cristo, o único revelador	226
A Palavra e os sacramentos.....	229
A ameaça à moralidade.....	231
O fundamento da bondade.....	234
 CATORZE	
RECONSTRUINDO AS MURALHAS	239
As vocações	240
Economia	243
Política	244
A igreja e o Estado	248
 QUINZE	
O CAMINHO DO MEIO	253
A hostilidade do papado reformado	254
Recuo dos católicos moderados: Erasmo	258
Deserção dos puritanos: Carlstadt	262

Os santos revolucionários: Müntzer	265
O banimento dos agitadores.....	267

DEZESSEIS

BEEMOTE, LEVIATÃ E AS GRANDES ÁGUAS.....	271
Rivais: Zuínglio e os anabatistas.....	272
Religião e agitação social.....	274
Lutero e os camponeses.....	276
Müntzer fomenta a rebelião	282
A derrocada e os efeitos sobre a Reforma.....	287

DEZESETE

A ESCOLA DO CARÁTER.....	291
Catarina von Bora	292
A vida em família	295
Os filhos e as conversas à mesa.....	298
Visões do casamento	304
As consolações do lar.....	308

DEZOITO

A IGREJA TERRITORIAL	311
A disseminação da Reforma.....	312
Problemas práticos na igreja	316
O príncipe piedoso	318
O protesto	320
Aliança protestante: o Colóquio de Marburgo	323
A Confissão de Augsburg.....	327

DEZENOVE

ORIENTAÇÕES SOBRE A IGREJA.....	331
A tradução da Bíblia.....	331
Problemas doutrinários na tradução	335
Catecismos	340
Liturgia	343
Música.....	344
Hinários	349

VINTE

O MINISTÉRIO NA IGREJA	351
Pregação	351
Sermão sobre a natividade	355
A exposição de Jonas	358
Oração	361

VINTE E UM

A LUTA PELA FÉ	363
A luta persistente de Lutero	363
Suas depressões	366
A via das vias indiretas	367
Pelejando com o anjo	369
A rocha das Escrituras	371

VINTE E DOIS

A MEDIDA DO HOMEM	377
A bigamia do <i>landgrave</i>	377
A atitude para com os anabatistas	379
A atitude para com os judeus	382
Os papistas e o imperador	384
A medida do homem	386

<i>Bibliografia</i>	389
<i>Fontes das ilustrações</i>	403
<i>Índice remissivo</i>	407

PREFÁCIO

DESDE O LANÇAMENTO DESTA biografia de Lutero em 1950, os católicos se tornaram muito mais cordiais com relação a Lutero, o fundador do protestantismo. Não reivindico nenhum crédito por isso. Protestantes têm testemunhado que o livro lhes deu uma melhor compreensão acerca do catolicismo. Essa mudança de atitude entre católicos se deve a muitos fatores. Um deles é sociológico. No início do século 20, o protestantismo era basicamente teutônico, incluindo alemães, escandinavos e anglo-saxões. O catolicismo incluía entre os latinos, os italianos, espanhóis e a maior parte dos franceses; entre os gaélicos, os irlandeses, e entre os eslavos, os poloneses. Na virada para o século 20, os grupos católicos estavam em uma categoria econômica inferior a seus correspondentes protestantes e eram vistos com certo menosprezo. Hoje, foram totalmente assimilados e são igualmente prósperos. Em algumas áreas da esfera política são superiores. Em New Haven, Connecticut, há anos os prefeitos têm sido de origem irlandesa ou italiana. A empatia cada vez maior foi facilitada pela aceitação católica da separação entre igreja e Estado. O sistema lhes era mais vantajoso, pois uma igreja oficial certamente não teria sido católica. No sistema americano, essa aceitação tornou possível a eleição de um católico à presidência.

No campo da religião, católicos e protestantes têm se unido em função do surgimento de um inimigo comum: o secularismo, quer na forma do ateísmo comunista, quer na da indiferença capitalista. Outro fator é o culto à mudança. Dissociar-se de uma religião tradicional gera uma sensação de independência, de autorrealização e o fulgor de uma convicção pessoalmente alcançada. Católicos podem se tornar protestantes e vice-versa. As mudanças também podem ocorrer dentro das estruturas, conforme cada uma se apropria de elementos da outra. Assisti uma missa em inglês que foi encerrada com o hino de Lutero, *Castelo forte*. Pouco tempo depois, em uma igreja congregacional, ouvi o coro cantar *Agnus Dei*

quitollis peccata nostra miserere nobis. Igualmente, os movimentos carismáticos não se restringem a linhas denominacionais.

A maior mudança ocorreu dentro do catolicismo. Opiniões que levaram à excomunhão de modernistas nos anos de 1920 são agora toleradas. Uma dramática retratação ocorreu com o *aggiornamento* de João XXIII. A palavra significa “atualização”. Desde a Contrarreforma o catolicismo havia se tornado defensivo e obstinado. O Sílabo dos Erros de 1864 declarou ser um erro afirmar que o pontífice romano “pode ou deve conciliar-se com o progresso, com o liberalismo e com a civilização moderna”. Desde então, a Igreja Católica chegou a um consenso quanto à parte disso e o protestantismo perdeu seu encanto para muitos.

A reviravolta iniciada pelo Concílio Vaticano Segundo não ocorreu sem preparação. Estudiosos vinham trabalhando discretamente para a modificação de dogmas relacionados a revelação, infalibilidade, sacramentos, autoridade, crítica bíblica e afins. Com relação a Lutero, ninguém voltou a ouvir a tese de Denifle de que ele era um degenerado, ou de Grisar, de que ele era um rebelde congênito. Em vez disso, Lortz disse que discordar de alguém não implica necessariamente em estigmatizar tal pessoa como frívola ou superficial. Lutero era sincero e profundo. Ele, contudo, exagerou. Um protestante poderia aceitar isso, pelo menos como base para uma discussão. Certa vez, ouvi um dominicano em um pulôver vermelho fazer uma preleção extremamente entusiasmada sobre a doutrina da justificação de Lutero. E já li um protestante enfurecido com a virulência das diatribes de Lutero durante seus dois últimos anos de vida, época em que, em minha opinião, ele estava emocionalmente desequilibrado.

Meus próprios sentimentos sobre Lutero passaram por algumas mudanças. Na década de 1920 eu me sentia ultrajado por ele ter, ainda que lentamente, passado a admitir a pena de morte para anabatistas. Eu jamais teria aceitado isso, mas passei a compreender melhor os santos que queimaram outros santos. Este livro foi escrito na era McCarthy, quando eu sentia que o grande princípio estava no fato de Lutero ter assumido: “Esta é a minha posição”. Dois pontos me atraíram de forma especial. Primeiro, naturalmente, o fato de Lutero desafiar a igreja e o Estado em nome da razão e da consciência. Segundo, a percepção de que, depois de ter assumido uma posição, ele em seguida estava pronto a reexaminá-la. Enquanto se escondia no forte de Wartburg, após a Dieta de Worms, ele diria a si mesmo: “Só você está certo?”. No momento de tomar uma decisão ele assumiu uma posição firme e depois novamente empenhou-se na tarefa de convencer-se dela. Semelhantemente, em questões teológicas, sua fórmula da justificação pela fé não era um talismã para exorcizar todas as dúvidas. Ao longo de toda sua vida ele teve de lutar por sua fé. Essa era a minha situação. Essa é a nossa situação. E o

que me trouxe maior satisfação na recepção dada a este livro foi o testemunho de diversas pessoas de que ele as ajudou em meio a crises espirituais.

Fico feliz pela Igreja de Roma ter iniciado algumas discussões sobre a possibilidade de revogar a excomunhão de Lutero. Isso bem podia ser feito! Ele jamais foi um herege. Talvez fosse melhor chamá-lo, como alguém um dia afirmou, de “um rebelde relutante”.

Para obras mais recentes sobre Lutero, em inglês ou sendo traduzidas, consulte a ampla lista de minha *Bibliography of the continental Reformation* [Bibliografia da Reforma continental],¹ p. 57-106, elaborada por Eric W. Gritsch. Literatura em diversos idiomas também pode ser encontrada nos muitos tomos da *Archiv für Reformationsgeschichte*, recentemente alterada nos EUA para Archive for Reformation history [Arquivo em prol da história da Reforma].²

ROLAND H. BANTON

¹New Haven: Archon Books, 1972. Em 2013, foi lançada uma edição mais recente dessa obra, com edição de Matthew Spinka; Robert Hastings Nichols (Whitefish: Literary Licensing, 2013). (N. do E.)

²Trata-se de um periódico internacional voltado para a história da Reforma e sua importância para as questões mundiais. É publicado sob os auspícios de Verein für Reformationsgeschichte e da Society for Reformation Research, disponível em: <http://arg.nd.edu/>, acesso em: 2 jan. 2017. (N. do E.)

Um

O VOTO



M UM DIA ABAFADO de julho de 1505, um viajante solitário caminhava com dificuldade por uma estrada árida pelos arredores do vilarejo saxônico de Stotternheim. Ele era jovem, baixo, porém robusto, e vestia-se como um estudante universitário. À medida que se aproximava do vilarejo, o céu foi ficando nublado. De repente começou a cair uma chuva que logo se transformou em tempestade. Um relâmpago cortou a escuridão, derrubando aquele jovem ao chão. Esforçando-se para levantar, ele clamou aterrorizado: “Santa Ana, ajuda-me! Eu me tornarei monge”.

O jovem que naquele momento invocara uma santa haveria de no futuro repudiar o culto aos santos. Ele, que jurara se tornar monge, mais tarde renunciaria à vida monástica. Filho leal da Igreja Católica, ele acabaria por destruir a estrutura do catolicismo medieval. Tendo sido um servo leal do papa, mais à frente ele identificaria os papas com o Anticristo. Esse jovem era Martinho Lutero.

A destruição que ele causou foi ainda mais devastadora pelo fato de reforçar processos desagregadores já em curso. O nacionalismo estava em vias de romper as uniões políticas quando a Reforma destruiu a unidade religiosa. Ainda assim, essa figura paradoxal reascendeu a consciência cristã na Europa. Como é consenso entre os historiadores católicos, na época de Lutero os papas da Renascença eram secularizados, levianos, frívolos, carnavais, soberbos e inescrupulosos. Os intelectuais não se rebelavam contra a igreja porque sua mentalidade e seu espírito estavam

tão presentes nas instituições eclesiásticas que dificilmente justificaria uma revolta. Os políticos se importavam tão pouco com a fé que Sua Majestade Cristianíssima da França e Sua Santidade, o papa, não descartaram a celebração de uma aliança militar com o sultão contra o imperador do Sacro Império Romano. Mas Lutero mudou tudo isso. A religião voltou a ser um fator preponderante, mesmo na esfera política, por mais um século e meio. Os homens se importavam com a fé a ponto de morrerem e matarem por ela. Se ainda resta no Ocidente algum senso da civilização cristã é esse homem, Lutero, em grande medida, que merece o crédito por isso.

Naturalmente, ele é também uma figura controversa. As inúmeras maneiras pelas quais ele foi retratado se enquadram em certos protótipos mais amplos já traçados em sua própria geração. Seus seguidores aclamavam-no como o profeta do Senhor e o libertador da Alemanha. Seus oponentes no lado católico chamavam-no de filho da perdição e destruidor da cristandade. Os camponeses agitadores tachavam-no de bajulador dos príncipes, e os sectários radicais comparavam-no a Moisés, que liderou os filhos de Israel para fora do Egito e deixou-os para morrerem no deserto. Tais vereditos, contudo, pertencem mais ao epílogo do que ao prólogo. A primeira empreitada deve ser compreender o homem.

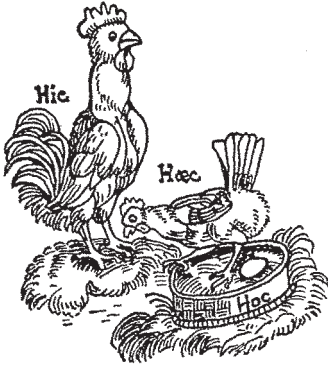
Não será possível ir muito longe nessa direção, a menos que se reconheça logo de saída que Lutero foi, acima de tudo, um homem da religião. As grandes crises observadas em sua vida, que fazem brilhar os olhos de biógrafos dramáticos, foram, para o próprio Lutero, triviais em comparação com as comoções internas de sua busca por Deus. Por esse motivo, em lugar de começar por seu nascimento, em 1483, este estudo deve mais acertadamente começar por sua primeira crise religiosa profunda, em 1505. A infância e a juventude serão abordadas apenas para explicar seu ingresso no monastério.

No lar e na escola

O voto monástico requer interpretação, pois mesmo nesse ponto inicial da carreira de Lutero as opiniões divergem. Aqueles que deploram seu subsequente repúdio ao voto explicam sua deserção com base no fato de que ele nunca deveria tê-lo feito. Tivesse ele algum dia sido um monge de verdade, não teria abandonado o hábito. Sua crítica ao monasticismo é feita com os olhos voltados para a própria vida, no sentido de que ele é pintado como um monge sem vocação; e o voto monástico é interpretado não como um chamado genuíno, mas como saída para um conflito interno, uma fuga do seu desajuste em casa e na escola.

Algumas poucas evidências são alegadas em favor dessa explicação. Sua confiabilidade não é das maiores, pois todas foram extraídas de conversas com um

Lutero mais maduro, conforme registros, muitas vezes inexatos, de seus estudantes. E ainda que sejam genuínas, não podem ser aceitas sem ponderação porque o



Lutero protestante não estava mais em posição de se recordar com objetividade das motivações de seu período católico. Na verdade, há apenas uma declaração que conecta a adoção do hábito ao ressentimento contra a disciplina dos pais. Relata-se que Lutero disse: “Minha mãe me surrou até sangrar por roubar uma noz. Uma disciplina assim tão rígida me levou ao monastério, embora ela tivesse boas intenções”.¹ Essa declaração é reforçada por duas outras: “Meu pai certa vez me bateu tanto que fugi e fiquei brigado com ele até que ele fizesse de tudo para

reconquistar o meu apreço”.² “[Na escola] eu era surrado quinze vezes em uma mesma manhã sem motivo algum. Exigiam que eu declinasse e conjugasse, mas eu não havia aprendido minha lição.”³

Sem dúvida, os jovens eram tratados com brutalidade naquela época e deve estar correto o relato de que ele mencionou tais ocorrências com o intuito de sugerir um tratamento mais humano, mas não há nenhuma indicação de que tamanha severidade tenha produzido algo mais que um breve instante de ressentimento. Lutero era muito estimado em casa. Seus pais o viam como um jovem brilhante que haveria de se tornar um jurista, fazer um casamento próspero e apoiá-los na velhice. Quando Lutero completou o mestrado em Artes, seu pai lhe presenteou com uma cópia do *Corpus juris* e deixou de se dirigir a ele por meio da forma de tratamento informal *Du* (você), passando a usar a forma mais formal e cortês, *Sie* (senhor). Lutero sempre exibira uma extraordinária devoção ao pai e ficou seriamente incomodado com a desaprovação paterna de seu ingresso na vida monástica. Quando seu pai faleceu, Lutero sentiu-se tão desalentado que não trabalhou durante vários dias. O vínculo com sua mãe parece ter sido menos



¹TR, 3566 A (1537).

²TR, 1559 (1532).

³TR, 5571 (1543).

acentuado; mas mesmo ao falar da surra, ele disse que ela estava bem-intencionada e recordou com afeto uma pequena canção que ela costumava cantar:

Se as pessoas não gostam de mim e de você,
o problema conosco deve ser.⁴

As escolas não eram afetuosas, mas também não eram brutais. O objetivo era transmitir conhecimento para que o aluno aprendesse a falar o latim. Os meninos não se ressentiam porque o latim era útil, sendo o idioma da igreja, das leis, da diplomacia, das relações internacionais, da erudição e das viagens. O ensino era por exercícios e combinado com a vara. Um aluno, chamado *lupus* ou lobo, era encarregado de espiar os demais e informar os que estavam falando em alemão. Ao meio-dia, o pior aluno da sala recebia a máscara de um burro e passava a ser chamado de *asinus*; ele a usava até pegar outro colega falando em alemão. Os deméritos eram acumulados e contabilizados para o castigo com a palmatória no final da semana. Assim, alguém poderia ser castigado com quinze golpes de palmatória em um único dia.



○ *ASINUS*

⁴XXXVIII, 338.